

Alteração na programação

Por impossibilidade de viajar para Portugal, a dupla de criadores Laida Goñi (Espanha) e Txalo Toloza (Chile) viu-se obrigada a anular a sua participação no Festival de Almada deste ano. Para substituir este espectáculo, o Festival apresenta *Cenas da vida conjugal*, de Ingmar Bergman, com encenação de Rita Calçada Bastos. Os bilhetes de Assinatura que já tinham sido entregues para *Tierras del Sud* podem ser utilizados para este espectáculo, que acontecerá, entretanto em sessões às 14h e às 19h devido à duração do espectáculo e à obrigação dos teatros encerrarem às 22h30. Neste espectáculo Rita Calçada Bastos reflete sobre um

tempo em que o que aparenta ser real muitas vezes não é, não passando de uma lente que traduz o presente, "em que cada um tem a sua visão, a sua noção de verdade, a sua imagem do outro, mas não passa de uma breve noção à medida daquilo que sabemos", diz-nos. "Ser, na sua totalidade, está cheio de coisas feias e magras e comezinhos, e isso queremos mesmo esconder de nós e sobretudo do outro, da sociedade", continua. No texto de Bergman, a encenadora encontrou essa dificuldade de suportar a realidade. "Vivemos comandados pelos nossos fantasmas, e a nossa realidade não passa disso, de uma projecção", conclui.



Ivo Canelas e Katrin Kaasa protagonizam *Cenas da vida conjugal*

© Estelle Valente

Que nunca se chega ao fim...

Com encenação de Carla Galvão e Sara de Castro, *Duas personagens*, de Tennessee Williams, sobe ao palco, em estreia, nesta 38.ª edição do Festival de Almada. Duas irmãs são abandonadas num lugar remoto pela companhia de teatro que dirigem, ficando sem suporte, sem rede, sem estrutura, sem comunidade e, mesmo nestas condições, têm de actuar. Aqui, não se está perante um *Bartleby*, de Melville, que preferiria naturalmente não o fazer. Em *Duas personagens*, entramos num teatro dentro do teatro, promovendo uma reflexão sobre a própria condição humana: o que fazer quando tudo pára, quando se fica despojado da matéria essencial para a existência do teatro, do que constitui a sua essência, o público. E, nos dias de hoje, porque um espectador não se pode, afinal, despir das suas experiências, difícil é não encontrar, aqui, ressonâncias da actualidade e da sensação de deserto, de or-



Sara de Castro e Carla Galvão estão em cena no TEAA de amanhã até 14 de Julho

fandade, a que o estado pandémico nos fez chegar. Não deixa de ser paradigmática esta recusa, este grito de coragem, contra uma dimensão de fatalidade que, permanentemente, revela uma incapacidade de "sair" do teatro.

A realidade e a fantasia mesclam-se, então, nesta urgência de convocar um teatro que se quer

fazer, sem se saber como, numa permanente questionação acerca da própria essência do teatro, que conduz o espectador a reflectir sobre o decurso da sua própria vida.

A teima de uma pergunta, enquanto proposta de encenação, é levada à cena por Carla Galvão e Sara de Castro, no Teatro-Estúdio António Assunção: Para que serve

o teatro?, ouve-se nas entrelinhas do texto:

"- A nossa casa é no teatro, onde quer que ele seja. E nós estamos num. - Apercebo-me, agora, que a casa se transformou numa prisão."

A ideia de que os teatros são prisões para os actores e também para os dramaturgos implica reflectir sobre uma necessidade-fatalidade levada ao limite, sobretudo no que a actual pandemia veio demonstrar: fundamental é criar comunidade para se viver em sociedade. No público recai a tarefa de não permitir que num palco se chegue realmente ao fim, porque, como ecoa na peça, "é possível um espectáculo não ter um fim, no sentido literal de fim, porque, na verdade, nada acaba".

Cabe-nos a todos, então, espectadores e artistas, assegurar esta possibilidade, que o teatro não acabe, mesmo que se esteja, aparentemente, no final do último acto. | **Pedro Barros**

50 ANOS DE PLATEIA

Que saudades das nossas idas ao teatro com a turma e a professora

Desde 1985 que acompanho a Companhia de Teatro de Almada. Da Academia Almadense, ao - agora - Teatro-Estúdio

António Assunção e atualmente ao icónico *Teatro Azul*, muitas são as memórias, textos, representações e nomes que jamais esqueceremos e que fazem a história desta companhia.

Vou ao Festival de Almada desde a sua segunda edição, ainda quando animava o espaço da Boca do Vento. Ficarão sempre as boas memórias, até da criança que teimava com Mário Viegas, junto ao palco, que a história do Capuchinho Vermelho *não era assim* («*Contos do Gin-Tonic*», de Mário-Henrique Leiria).

Mas o mais gratificante ao longo

destes anos é saber que esta verdadeira instituição cultural contribuiu para o crescimento de muitos dos meus alunos enquanto amantes de arte. Quem experimenta, não se esquece nunca porque o teatro marca. O teatro é a mais antiga e plástica experiência transformativa do mundo e tem a capacidade de pôr mundos passados, presentes e futuros diante dos jovens. O imediato pode provocar-lhes risos e lágrimas, mas a contemplação e reflexão serão sempre ingredientes indispensáveis para a sua alimentação anímica. Penso que será essa a missão desta Companhia e



© Luana Santos

Alexandra Pedro, 41 anos de plateia

por isso, este concelho está-lhes em dívida.

Obrigada, CTA! Felizes 50 anos e que venham muitos mais!

Uma história de aprendizagem

Interpretar *Uma história de violência*, de Edouard Louis, é dar a ver o que lá não está, como diria Alain Badiou, lembrou o actor Benjamin Krnetić, co-protagonista da encenação eslovena que Ivica Buljan apresentou no Fórum Romeu Correia, no fim de semana de abertura da 38.ª edição do Festival de Almada.

No primeiro encontro na esplanada, os dois actores principais do espectáculo que marcou o regresso de Buljan ao Festival, Petja Labović e Krnetić, falaram da importância que o texto, traduzido para esloveno com o propósito

de ser produzido pela companhia Mini Teater, tem para distinguir a fronteira entre os mecanismos do amor e os mecanismos do fascismo, quando um significa retirar a liberdade de outro. A conversa, moderada pelo crítico e programador independente Tiago Bartolomeu Costa, acompanhou o processo de construção de um espectáculo assente na importância da palavra na formação de identidades que não distinguem, como identificou o autor francês, geografia específica e, acrescentaram os actores, pede que abandonemos os princípios da autenti-

cidade, para nos focarmos no que é essencial: o que serve a narrativa e como pode ela ser exemplar.

Estreado um ano depois de um crime com contornos em tudo semelhantes, mas tragicamente fatais, ao que é descrito no livro de Edouard Louis (traduzido em português pela Elsinore), o espectáculo permitiu aos actores descobrir como trabalhar as diferentes camadas de um texto construído em diferentes camadas e pontos de vista sobre uma mesma história, encontrando dentro de cada uma, possibilidades de visão sobre as consequências das decisões que,



© Luana Santos

Tiago Bartolomeu Costa, ao centro, dirigiu a primeira conversa na esplanada do TMJB

parecendo teatrais, são de todos os dias e não distinguem, fora do palco, vítimas e agressores.

E os colóquios continuam com *Amitié*

Amanhã é a vez de Irène Bonnaud, a encenadora de *Amitié* - uma produção do Festival d'Avignon, que conta com a dupla de actores François Chattot e Martine Schambacher, além de Jacques Mazeran - estar nos Colóquios da Esplanada. A conversa vai ser moderada pela crítica de teatro Catarina Firmo, às 18h, na Esplanada do TMJB.

Beatas precisam-se

Recebemos um insólito pedido da produção do espectáculo *Quem matou o meu pai*. São precisas várias beatas de cigarro para a peça. Até agora já recolhemos três caixas de resmas de papel A4. Ajude-nos neste esforço: deposite as suas beatas nos cinzeiros à porta do TMJB, e proporcione-lhes a oportunidade de partilhar o palco com Hans Kesting. A partir de dia 8 aconselhamo-o fervorosamente a deixar de fumar. Obrigado.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

Conversa com Irène Bonnaud
Esplanada do TMJB

20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

Amitié
Incrível Almadense

RESTAURANTE DO THEATRO

HOJE

Rolo de carne com tâmaras
Pescada com ameijoas

AMANHÃ

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com broa e alheira

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada

